

MONTES CLAROS, MG - LUGAR DE MEMÓRIA: UMA CIDADE, UM MERCADO E OS ARQUIVOS.

Filomena Luciene Cordeiro Reis*

A História possibilita ao historiador tomar consciência do seu papel na sociedade em que está inserido. Essas posturas vão ganhando configuração a partir do momento em que o historiador se compromete com a história, ou seja, com a vida. Dessa forma, o historiador tem à sua frente duas perspectivas de leitura: política e acadêmica. A filiação e militância acadêmica se fazem na escrita e no trabalho e/ou no viver do historiador. Por isso, o historiador deve se questionar acerca do que quer com o seu trabalho, assim como pretende dialogar com os seus sujeitos . A metodologia contribuirá nesse sentido. Dentre essas metodologias de trabalho historiográfico, a história oral é uma das possibilidades de encontro com os sujeitos, pois as fontes orais não é só um complemento, mas escolhas de acordo com o olhar político do pesquisador. (MORAIS; ALMEIDA, 2010)

Essa mudança de olhar tem se configurado como um constante desafio, que compreendemos ser também dos historiadores comprometidos com o seu tempo histórico, nas mais diferentes imbricações que se emergem no movimento das sociedades contemporâneas. Tal propósito vem como necessidade de fazer do nosso trabalho um espaço de reflexão permanente em torno de nossas angústias, percursos e escolhas na vida acadêmica. Eles surgem no encaminhamento do nosso trabalho, na aprendizagem com as orientações de projetos de alunos, provenientes de diversas cidades e regiões, nas nossas discussões em torno da História Social, da Historiografia Brasileira e da formação de profissionais em História. (CALVO et al, 2005: 12)

Nesse sentido, buscamos pensar Montes Claros como uma cidade diversa e onde se é possível conhecer seus sujeitos por meio da historiografia, ofício do historiador com um novo olhar político.

* Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros. Mestre em História pela Universidade Severino Sombra – RJ e doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia. Apoio: FAPEMIG. Este estudo tem como referência um trabalho de campo executado com estudantes do 3º período do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros na disciplina de História Econômica ministrada por Filomena Cordeiro, especificamente a equipe de PEREIRA et al, apresentado também como trabalho final da disciplina de “Estudos Alternativos em Trabalho e Movimentos Sociais”no doutorado na UFU.

MONTES CLAROS: POSSIBILIDADES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS.

Pensar a cidade de Montes Claros hoje é um desafio, pois demanda leituras diversas de uma cidade diversa. Afinal o que é a cidade de Montes Claros, sobretudo hoje? Como é essa cidade? Como as pessoas vivem nessa e dessa cidade? Porque essa cidade? Para quê essa cidade? Enfim, são tantos questionamentos que a cidade de Montes Claros nos solicita e propõe que se torna um desafio estudá-la, porém é instigante esse processo de querer conhecê-la. Nessa busca de compreendê-la verifica-se a importância do trabalho do historiador auxiliado por meio de outras áreas do conhecimento como a literatura, a antropologia, a sociologia, a economia, enfim, tantas outras ciências que possibilitam entender melhor quem é o homem da e na cidade. (CALVO, 20 out. 2010)

As metodologias historiográficas, como a história oral, colaboram no “descobrir” essa cidade no seu cotidiano e conhecer melhor quem são seus sujeitos.

Cientes de que nossas opções políticas implicam procedimentos metodológicos adequados, vimos investindo numa explicação histórica que dê conta das relações imbricadas entre dominações, subordinações e resistências na construção e reafirmação de hegemonias; que incorpore procedimentos que dêem conta das articulações e tensões entre noções e interpretações como expressões das operações do poder e das resistências a ele, tornando-as mais visíveis publicamente. (KHOURY, 2006: 23)

Montes Claros, desde a fundação da Fazenda Montes Claros até sua elevação à cidade de Montes Claros em 1857, vem ocupando seu espaço na historiografia através de obras literárias, teses, dissertações, monografias, dentre outros trabalhos que abrangem questões geográficas, econômicas, sociais e culturais. Montes Claros também é palco de grandes manifestações culturais, como também de evoluções tangentes à indústria, comércio, educação e outros fatores que elegem a mesma, à cidade pólo ou capital norte-mineira. Conhecida como “A cidade da arte e da cultura”, esta cidade, vem ser assim denominada por ocupar o espaço, sobretudo regional, enquanto pólo cultural.

O Largo da Matriz desde o início da cidade era o palco para a realização dos eventos do Povoado reunindo a população em momentos festivos religiosos, políticos, culturais e econômicos, porém o “progresso” vem transformando a cidade e trazendo novas formas de manifestações culturais e de viver. Assim como o Largo da Matriz

oferecia espaço e ambiente propício para as festas de várias ordens, a Igreja Matriz proporcionava e promovia, como ponto de encontro da sociedade daquela época, festividades religiosas que imprimiam na população a cultura local.

A Matriz tem muitas festas, mas a principal era as cavalhadas. A última foi em 1938, porque o progresso acabou com a cavalhada: o Dr. Santos, em 1939, resolveu transformar a praça em jardim, o mesmo que está aí, Jardim Benedito Valadares. Então, não teve mais lugar para a cavalhada correr e ela desapareceu. Dois fatos eu acho interessante nas cavalhadas. O primeiro, (...).” (PAULA, 197: 4)

Na ausência do rádio, televisão, “sons”, boates, lanchonetes, barzinhos, clubes e outras distrações sociais, a Matriz era o ponto de encontro da sociedade e do povo em geral. As missas, as procissões, as rezas, as novenas, as coroações da Virgem, os leilões, etc., constituíam acontecimentos realmente festivos. Nessas ocasiões, a cidade inteira baixava na Igreja. Algumas dessas festinhas atraíam elemento da zona rural e dos municípios vizinhos. Por isso mesmo, havia festa quase o ano inteiro, a começar por janeiro, logo no dia primeiro, dia de Ano Bom (...). No dia 6 de janeiro – Dia dos reis – (...). Dia 20 de janeiro, Dia de São Sebastião (...). Dois de fevereiro. Purificação de Nossa Senhora das Candeias. (...). Dezenove de março. Dia de São José. (...). Maio. Mês dos namorados, mês dos casamentos. Mês de Maria (...). 13 de junho. Dia de Santo Antônio. (...). 18 de agosto. Festa do Divino Espírito Santo. (...). 16 de outubro. São Geraldo. (...). 27 de novembro. Nossa Senhora das Graças. (...). 8 de dezembro. Nossa Senhora da Conceição. (...). 24 e 25 de dezembro. Missa do Galo.” (PAULA, 1982: 35-40)

A sucessão dessas transformações políticas da Fazenda possibilitou a sua concretização e consolidação tornando-a de Arraial de Formigas, depois Arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José de Formigas, Vila de Montes Claros de Formigas e, por fim, cidade de Montes Claros. Os líderes políticos do Arraial conseguiram elevar o Arraial a Vila pela Lei de 13 de Outubro de 1831 recebendo o nome de Vila de Montes Claros de Formigas. Em 03 de julho de 1857, foi elevada pela lei nº 802 a categoria de cidade com o nome de Cidade de Montes Claros. (VIANA, 1916)

Montes Claros, conforme abordagem acima, se localiza nessa região rica em temas a serem estudados e divulgados denotando grande importância, sobretudo regional. A complexidade real e concreta revelada por Montes Claros no decorrer do seu processo cultural, geográfico, histórico, social, econômico e político desperta interesses de estudiosos e pesquisadores com o objetivo de deixar documentado e registrado a história dos montesclarenses revelada, principalmente por meio da arte, da cultura e da

seresta. É importante refletir e fazer o recorte de que tipo de cultura se pretende estudar, pois verifica-se que há uma elite que promove a cultura local. Há uma cultura elitizada, ou seja, as forças do poder político e econômico na cidade de Montes Claros imprimem ainda hoje um modo de viver a esse povo sertanejo. Estes são alguns dos destaques culturais oriundos de Montes Claros que, vislumbram até os dias de hoje milhares de possibilidades com repercussão no âmbito nacional e internacional. Mas de qual cultura e memória se pretende falar e discutir? Os modos de viver do povo simples de Montes Claros provocam inquietações nesse contexto elitizado.

Montes Claros, ou melhor, as pessoas que vivem nesse território possuem vivências bastante diversificadas. O contexto histórico da cidade revela quantas fases foram paulatinamente sendo construídas, desconstruídas e reconstruídas. Conforme Hermes de Paula (PAULA, 1982) afirma, a economia de Montes Claros, desde sua origem girava em torno da agricultura e da pecuária. Além da agropecuária, Montes Claros conta, desde a década de 1960 até os dias de hoje com a participação de algumas indústrias de grande importância para a região e o país.

Montes Claros, cidade de porte médio, se revela, apesar do seu crescimento vertiginoso nos últimos tempos, após uma paralisação desde a década de 1980, uma cidade provinciana. Convive na cidade, retirantes da seca dos municípios vizinhos e do sul da Bahia em busca de melhores condições de vida, moradores suburbanos na luta pela sobrevivência e famílias tradicionais que, em 1769 ainda hoje mantêm requisitos referendados desde épocas em que detinham o poder político e econômico determinando-se como mandatários regionais.

As indústrias aos poucos vão desaparecendo do cenário montesclareense à medida que os incentivos fiscais da SUDENE se diluíram dando a Montes Claros o estigma de “cemitério de indústrias”. Porém, na década de 1980, Montes Claros revê alguns de seus maiores problemas em relação ao desenvolvimento buscando outras estratégias para cumprir seu papel social, econômico e político no âmbito regional.

Montes Claros hoje é um pólo regional na área educacional contando com uma universidade estadual e algumas faculdades particulares, assim como escolas do ensino fundamental e médio.

Enfim, toda essa trajetória histórica de Montes Claros transformou-a no pólo de desenvolvimento econômico e cultural de uma área que abrange cerca de dois (02)

milhões de habitantes, constituída pelos cinquenta e um (51) municípios do Polígono das Secas – que se estende pelos vales do Jequitinhonha e Urucuia até a divisa com a Bahia, representando cerca de trinta por cento (30%) do território mineiro. (UNIMONTES, 2001) Daí advém o título de “Princesinha do Norte de Minas”, solidificado e enfatizado no imaginário local na época do centenário (PEREIRA, 2002) da referida cidade visando introduzi-la no âmbito nacional que sugeria o desenvolvimento e o progresso como fator de integração.

MERCADO MUNICIPAL: LUGAR DE MEMÓRIA E VIVÊNCIAS.

Montes Claros possui suas peculiaridades e singularidades em relação a sua diversidade cultural, remetendo especificamente ao seu patrimônio e memória. Podemos investigar quais são esses patrimônios e memórias da/na Cidade, assim como suas referências e significados. (WILLIAMS, 1989) Há vários espaços pensados e construídos para consolidar tradições inventadas (HOBSBAWM; RANGER, 1984) na/da cidade constituindo-se como lugares de memória. A expressão lugares de memória foi criada pelo historiador francês Pierre Nora. Convencido de que no tempo em que se vive, os países e os grupos sociais sofreram uma profunda mudança na relação que mantinham tradicionalmente com o passado, Pierre Nora acredita que uma das questões significativas da cultura contemporânea situa-se no entrecruzamento entre o respeito ao passado, seja ele, real ou imaginário, e o sentimento de pertencimento a um dado grupo; entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade ou entre a memória e a identidade. (NORA apud LOPEZ, 1997)

O lugar da memória é muito mais que o espaço geográfico, aquele território definido, com fronteiras delimitadas e claras. O espaço que se aborda nesse estudo é aquele em que as pessoas têm sentimentos, ou se identificam com ele. Ele faz parte da sua vida como trabalho, diversão, estudo, enfim, torna-se referência de vivências. (WILLIAMS, 1989) A cidade de Montes Claros apresenta lugares assim como o Mercado Municipal que mostram a cidade pulsante de um povo que tem um jeito próprio de viver e fazer bastante diversificado e na perspectiva de lutas de classes constantes, conflituosas, tensionadas, mas firme e segura no decorrer da sua trajetória.

Pois uma cidade como Londres, conforme já vimos, não podia ser captada com facilidade num gesto retórico de uniformidade repressiva. Pelo contrário, a heterogeneidade, a variedade e a aglomeração, a movimentação aleatória, eram seus aspectos mais evidentes, especialmente quando vista de dentro. (WILLIAMS, 1989: 21)

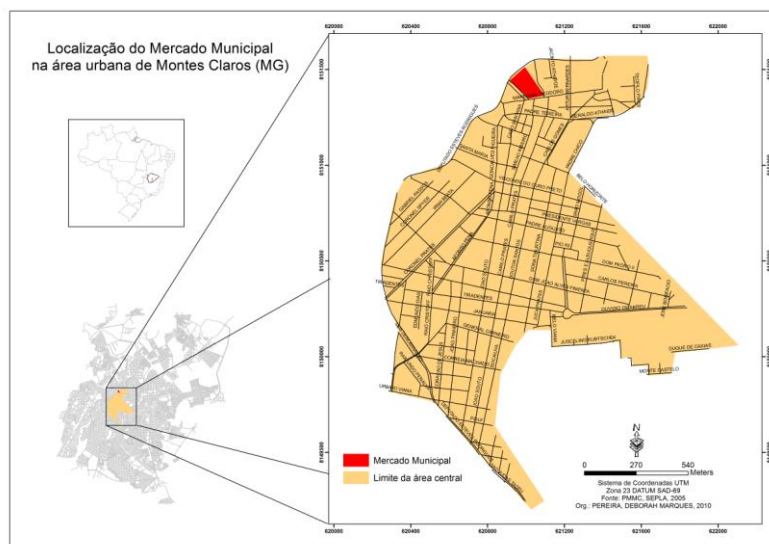


Figura n° 01: Localização do Mercado Municipal na área urbana de Montes Claros, MG.
Fonte: PEREIRA, Deborah Marques. Montes Claros, 4 dez. 2010.

Dessa forma, o Mercado Municipal, alvo dessa análise, consiste nesse lugar de memória dos montesclarenses, onde ainda se percebe uma cidade de porte médio e de cultura elitizada a presença de pessoas simples e trabalhadoras que também construíram a cidade e a cultura por meio do tempo e espaço em que viviam realidades concretas. A localização do Mercado Municipal, conforme mostra o mapa acima, é importante para, enquanto academia sabermos o espaço geográfico, mas conhecer e compreender o espaço cultural, econômico, político, dentre outras dimensões possíveis de serem vivenciadas e experimentadas pelo homem é de fundamental importância para o ofício do historiador. É o olhar político proposto pela Sarlo (1997).

Nesse sentido, o Mercado Municipal de Montes Claros se constitui um ponto de encontro, bem como desperta nos cidadãos montesclarenses o sentimento de lugar e de pertencimento, pois como acontece na maioria das cidades, o mercado é o local onde as pessoas se encontram não apenas para fazer compras, mas para conversar e trocar experiências. (THOMPSON, 1998)

Aqui é um local que fazemos questão de irmos todo final de semana. Aproveitamos pra fazer a feira da semana de verdura, carne e outras coisinhas

mais e, depois sentamo numa barraca, devagazinho vai chegano alguns amigo. Comemo, bebemo, na verdade almoçamo por aqui e voltamo pra casa só a tardinha. Tem uma moda de viola que anima ... É bom demais aqui. Sinto que tô na minha casa. É muito bom... As pessoa que trabaia aqui, conheço quase tudo, então vira quase uma famia. (...) (G. A., 4 dez. 2010)

Entender o Mercado Municipal em uma outra perspectiva, ou seja, não apenas como um local de compra e venda de bens, mas como possibilidade de se sentir pertencendo aquele espaço geográfico, cultural, econômico, político, enfim, onde a vida pulsa de várias e diferentes formas e ângulos por meio das pessoas que circulam naquele ambiente é possível a partir dos avanços da História Social.

Falar de Cultura e História Social em termos amplos, para poder acentuar mais especificamente alguns de seus desdobramentos, seja em temas como o trabalho, a cidade ou a cultura popular, preocupações dominantes e constantes da Historiografia Brasileira, requer alguns cuidados e algumas ponderações antes que nos lancemos ao debate que é aqui nossa intenção, na esperança de que se possa discutir posições, dúvidas, trabalhos em andamento e assim contribuir para o avanço das perspectivas de todos nós, historiadores do momento. (FENELON, 1998: 73)

Estudar o Mercado Municipal enquanto lugar de memória por meio da História Social permite não fragmentar ou fracionar o social, pois é possível articular diversas e diferentes abordagens por meio dos sujeitos presentes naquele espaço. Para isso é necessário ampliar o conceito de cultura. Assim, Hoggart (1973) nos orienta a estar atentos aos comportamentos que são processados de forma lenta, pois constitui a vida social onde há a coexistência do antigo e do novo ao mesmo tempo.

Pois aquilo a que dei o nome de atitudes “antigas” e aquelas que passo a apresentar coexistem nas mesmas pessoas. As alterações dos comportamentos processam-se, na maioria dos aspectos da vida social, com grande lentidão. As atitudes novas são incorporadas noutras já existentes, parecendo por vezes, à primeira vista, formas das atitudes “antigas” que receberam uma nova aparência. As pessoas vivem assim simultaneamente e sem dificuldade aparente em “climas mentais” se diferentes. Se bem que as atitudes “antigas” se mantenham mais evidentes nas pessoas de meia idade, as novas influências também nelas se fazem sentir. (HOGGART, 1973: 10-11)

No Mercado Municipal verificamos a cultura, no seu sentido literal do cultivo da terra que gera determinados produtos, e como os mesmos revelam o modo de viver das

peessoas que vivem nesse lugar, nessa cidade ou região. As relações sociais que refletem os conflitos, as tensões e a luta pela sobrevivência são visíveis nas histórias de vida das pessoas que vivem desse lugar.

Aqui na minha banca vendo um pouco de tudo. Assim vou ganhano a minha vida. Hoje é tudo difíci, a vida é muito dura. Trabaio aqui já tem 17 anos e daqui tiro o sustento da minha famia. Por exemplo, na época de pequi, vendo pequi tamém. As pessoa gosta demais de pequi. Trago de Brasilinha. O arroz com pequi é bão demais. É facim de fazê. Lá em casa mermo, ponho o pequi na água para cozinhar, refogo o arroz e depois quando o pequi tá cozidinho, joga tudo no arroz. Aquela água do pequi cozido dá um sabor todo especial. É muito bão. (M. A. , 4 dez. 2010)

Em uma cidade diversa como Montes Claros se vislumbra possibilidades de encontrar os sujeitos do cotidiano que constroem a história e a memória na/da Cidade. Por mio dos afazeres diários, do jeito de chamar o freguês para comprar um determinado produto: “(...) venha vê pessoá como esse queijo é bom e gostoso. Oia dona que rapadura novinha e saborosa. É tudo da roça e fresquinha.” (J. M. A., 4 dez. 2010.) Esse jeito de ser que tem muito do sertanejo norte mineiro vai se revelando numa visita descompromissada com o tempo em um espaço como a do Mercado Municipal de Montes Claros.

O PATRIMÔNIO DOCUMENTAL COMO REFERÊNCIA A MEMÓRIA NA/DA CIDADE.

Os lugares de memória tornam-se relacionais, pois o homem estabelece relações que constroem sentimentos, vida, cultura, assim como os gestos mais simples que se realizam no cotidiano. A cidade é permeada dessas relações e o historiador deve estar atento a elas para também fazer a relação na história dos supostos diante dos sujeitos que movimentam o diálogo com as fontes. O processo deve ser levado em conta na hora do exercício do historiador. Os supostos devem ser as motivações da pesquisa para o historiador e a partir desse princípio, ele deve refletir acerca da multiplicidade de vozes e sujeitos possíveis.

Dessa forma, esse estudo procura investigar os arquivos públicos como constituídos pelo poder público com a finalidade de preservar determinadas memórias, ou seja, a memória conveniente à ordem vigente, a memória oficial (ou oficiosa), que geralmente não contempla as minorias sociais de uma cidade. Conforme abordagem anterior, observamos o Mercado Municipal como lugar de memória, pois nele há um movimento de sujeitos e lugares que revela o modo de viver de monsteclarenses. Essa pesquisa acerca desses lugares de memória também pode ser realizada a partir de fontes que se encontram nos arquivos, sobretudo públicos. Nesse sentido, vamos encontrar no Arquivo da Câmara e da Prefeitura Municipal de Montes Claros documentos que vão tratar sobre o mercado como as posturas municipais, normas e determinações de comportamento nesse ambiente, bem como projetos de leis que tratavam da mudança de prédios que abrigaria o mesmo e projetos arquitetônicos desse espaço.

Porém, é necessário compreender os critérios adotados pelas referidas instituições na seleção do que deve ser preservado sobre a memória da Cidade. Os documentos referentes ao Mercado Municipal foram guardados por quê? Havia interesses em manter viva a memória acerca desse espaço? Enfim, os arquivos ou as políticas públicas arquivísticas ou ausência delas propõe questionamentos sobre esse assunto. Dentre esses questionamentos, podemos abordar os seguintes: Porque guarda-se esses e não aqueles documentos nos arquivos, sobretudo nos arquivos públicos? Quem determinou o que deve ser preservado? Quais os motivos levaram a determinar esses critérios? Por que não se investe politicamente no arquivo? Montes Claros recebe quanto de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de serviços - ICMS Cultural? O que faz com esse dinheiro? O que o Curso de História está fazendo para proteger seus arquivos? Por que a Secretaria de Cultura existe? Qual a verba destinada a ela? Quem faz parte do Conselho de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Cidade? Nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio estuda-se patrimônio cultural? Como isso acontece? Há educação patrimonial na Cidade? Essas inquietações podem nos ajudar a entender não só os arquivos, mas também os bens culturais e naturais que a Cidade possui e deve ser preservada com o objetivo de compreender melhor quem é esse povo morador dessa Montes Claros.

Outra questão importante que, sobretudo faz parte do senso comum é ter o arquivo apenas como guardião de papéis antigos e velhos, o famoso “arquivo morto”,

desvinculado da administração e do cotidiano de uma instituição. O arquivo colabora na execução das transações de uma instituição e é também produtor de memória e, posteriormente se transforma em lugar de memória. Inquietações, então, são constantes e freqüentes, dentre elas: Como isso acontece? Quais os trâmites para culminar assim? Como o cidadão não se percebe nesses documentos? Como se elabora memórias convenientes a determinados grupos? Porque, para quê e qual o sentido dessas manipulações? Como a detenção de documentos oficiais que historicamente constataam dominação, resistência, cooptação e consenso podem transformar em possibilidades de outras histórias?

Enfim, pensar o Mercado Municipal de Montes Claros enquanto lugar de memória é também refletir sobre o papel dos arquivos que podem colaborar com a preservação da história e da memória no sentido de manter sob sua custódia documentos que se referem a espaços da e na cidade que contemplam e revelam a forma de viver de seu povo. Os documentos são úteis para pensar nossos sujeitos e onde eles se colocam. Esses sujeitos estão dados? Que tipo de idéias ele estão colocando? Como eles se colocam no processo? Como nós o colocamos? (LINEBAUGH, 1984) O historiador deve estar atento às entrelinhas, as diagonais, ao não dito do documento para captar essas leituras acerca da cidade.

Ver as fotografias antigas do Mercado Municipal de Montes Claros, por exemplo, é retornar ao passado e conhecer a Cidade de hoje por meio da história e experiências vividas por esse povo sertanejo do norte de Minas. Ler de forma diversa os documentos é poder verificar a transformação do mundo; conhecer o mundo do trabalho, mas também os trabalhadores; analisar o comportamento das pessoas em relação às transformações do mundo; ver o que o progresso faz com a memória, sobretudo com o patrimônio cultural; constatar as lutas de classes que geram tensões e conflitos na sociedade atual o tempo todo; e entender o homem e a mulher do jeito que eles são ou se tornaram em um espaço e tempo histórico. (VARUSSA, 2010)

Montes Claros, cidade localizada no norte de Minas Gerais, denominado sertão, é um lugar de memória e possui vários espaços capazes de dizer quem é o povo que vive nesse local por meio, por exemplo, do mercado e dos documentos de seus arquivos. O historiador através de fontes, as quais são inesgotáveis nos arquivos locais, pode

complementar leituras possíveis dessa cidade chamada de “Princesinha do Norte” e “Cidade da arte e da cultura”, basta estar atento com o seu olhar político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idéia desse artigo é apresentar o Mercado Municipal de Montes Claros como um lugar de memória da Cidade, assim como mostrar a importância dos arquivos públicos locais como um espaço onde se encontram fontes possíveis de várias leituras acerca de patrimônios culturais.

A cidade é percebida enquanto lugar de vivências onde o homem e a mulher vai transformando-a a partir de suas experiências. Essas vivências também ocorrem no Mercado Municipal, local de encontro, não apenas para compras, mas também de lazer, de colocar o assunto em dia com amigos, desse fazer política, cultura, etc.

Enfim, os arquivos constituem lugares de memória, mas também é espaço para procurar evidências sobre a história e a memória da Cidade.

FONTES

Revista

PAULA, Hermes de. As origens de Montes Claros: depoimento de Hermes de Paula. In.: *MONTES CLAROS EM FOCO*. Ano XII, nº36, agosto, 1979.

Memorialista/Cronista

PAULA, Hermes de. *De Padre Chaves a Padre Dudu*. Belo Horizonte: Littera Maciel Ltda., 1982, p. 35-40.

VIANA, Urbino de Souza. *Monografia de Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Montes Claros, 1916, p. 58 e 167.

Folder

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. *UNIMONTES. A universidade do Norte de Minas*. Montes Claros, 2001, s/p. (Folder)

Mapas

Deborah Marques Pereira. Montes Claros, 4 dez. 2010.

Documentos do Arquivo da Câmara Municipal de Montes Claros

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS. Resolução da Assembleia Geral Legislativa do Império do Brasil – Criação de Vilas na Província de Minas Gerais 13 de Outubro de 1831. Belo Horizonte, 13 out. 1831.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS. Lei nº 802, dispõe sobre a elevação a categoria de cidade Montes Claros. Belo Horizonte, 03 de julho de 1857.

Entrevistas

Geraldo Amaral

Maria Andrade

Joana Mendes Aquino

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Paulo Roberto; MORAIS, Sérgio Paulo. Uberlândia, 11 agosto 2010. (Anotações de aula)

CALVO, C. R. et al. *Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográfica*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

CALVO, Célia Rocha. *Diálogo sobre cidades em tempos de globalização: apontamentos de uma pesquisa histórica*. Uberlândia, 20 out. 2010. (Palestra proferida a UFU)

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social. In: *Projeto/história*. N.10, Revista da Pós-Graduação em História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, 1994.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. (Org.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOGGART, Richard. As utilizações da cultura: aspecto da vida da classe trabalhadora, com especiais referências as publicações e divertimentos. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

LINEBAUGH, P. Todas as montanhas do Atlântico estremeçeram. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 8, 1984.

LOPEZ, André Porto Ancona. *Tipologia documental de partidos e associações políticas brasileiras*. São Paulo: Edições Loyola. 1999.

PEREIRA, Laurindo Mékie. *A cidade do favor: Montes Claros em meados do século XX*. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2002.

SARLO, Beatriz. Um olhar político. In: Paisagens imaginárias. São Paulo: Edusp, 1997. p.55-63.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VARUSSA, Rinaldo José. Uberlândia, 17 nov. 2010. (Apontamentos de aula)